

# **Mídias em Processo: uma visão sobre a temática de Gênero<sup>1</sup>**

Ericsen Quincozes da Silva <sup>2</sup>

Antonio Guilherme Schmitz Filho <sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Centro de Educação Física e Desportos – CEFD

Laboratório de Análise dos Cenários Esportivos na Mídia – LACEM

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo debate a relação de duas temáticas fundamentais ao aprimoramento da conversação pública contemporânea: mídia e gênero. A contextualização apresenta uma breve exposição de como a mídia institucionaliza seus aspectos produtivos na vida da população diariamente e influencia a sua maneira de pensar e agir socialmente. Concomitantemente realiza-se uma análise de como a cultura de massa estabelece parâmetros à construção das ideias de gênero, relativo aos modos como estas foram tratadas em relação a períodos históricos correspondentes. Para finalizar, busca-se uma abordagem de como a mídia influencia a produção de subjetividades dos adolescentes e de que maneira as diferentes plataformas midiáticas interagem culturalmente e na educação destes.

No estabelecimento dos requisitos para a revisão bibliográfica houve a preocupação em reconhecer aspectos peculiares das plataformas midiáticas, no que se refere à elaboração e a influência na subjetividade dos sujeitos.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de especialização em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura.

<sup>2</sup> Autor do Artigo. Aluno do Curso de Especialização Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura no CEFD/UFSM, integrante do Grupo de Pesquisa Análise dos Cenários Esportivos na Mídia (Base Lattes), [q.s.ericson@hotmail.com](mailto:q.s.ericson@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor Orientador. Professor (categoria adjunto) do Departamento de Desportos Coletivos do CEFD/UFSM. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e Doutor em Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS, [schmitzg@gmail.com](mailto:schmitzg@gmail.com).

Cabe considerar, que os aspectos produtivos oriundos do sistema midiático e particularmente característico de cada uma das mídias é fundamental na interação sociotecnológica e atua formatando as subjetividades.

Evidenciando as temáticas citadas, foi possível perceber de que maneira o funcionamento do processo de relação entre gênero e mídia é organizado e favorece ou não a manutenção de um dado conservadorismo. Para tanto é intenção explicar acerca dos modelos organizacionais institucionalizados e seus efeitos na sociedade; apontar indicativos característicos do desenvolvimento da cultura de massa e as relações estabelecidas com o conservadorismo nas questões de gênero; destacar como se apresentam os interesses na mídia e como a intencionalidade influencia nas subjetividades, bem como situar os adolescentes na sua relação com as novas tecnologias na atualidade, pontuando algumas características identitárias.

Neste sentido e considerando as diferentes tematizações produzidas midiaticamente se percebe uma variação de atribuições e significados para um mesmo tema. A noção de gênero, assim como outras noções é amplamente explorada e discutida. Para tanto é interesse, a partir de uma revisão bibliográfica preliminar, aprofundar a discussão do tema no sentido de estabelecer alguns pressupostos sobre a sua ocorrência midiática e uma interpretação cada vez mais apurada sobre o assunto.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1. Objetivo Geral

- Destacar de que maneira são estabelecidas relações entre as mídias em processo e as questões que envolvem a temática de gênero, observando-se a variação de atribuições e significados estabelecidos para o tema.

### 2.2. Objetivos Específicos

- Apontar alguns indicativos característicos de como a cultura de massa explora e discute a temática de gênero;

- Destacar alguns pressupostos relacionados com a tematização midiática de gênero, bem como a representação de interesses e intencionalidades;

- Ponderar sobre a relação da adolescência com as tecnologias na atualidade, no sentido de promover uma interpretação cada vez mais apurada sobre o assunto gênero.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste na realização de uma revisão bibliográfica aprofundada na *web*<sup>4</sup> a fim de ampliar o potencial de ação, onde foram selecionadas vinte produções acadêmicas para uma leitura prévia, e dentre elas, foram escolhidos dois artigos e uma tese de doutorado que contribuíram para a discussão e o estabelecimento de um nível de compreensão que, além de possibilitar considerações a respeito das plataformas midiáticas, também quais relações estas apresentam com a construção e influência de subjetividades.

### 4. DESENVOLVIMENTO

#### 4.1. Indivíduo e Manutenção do Poder

No senso comum e em nossa realidade diária, dificilmente existe o enfrentamento de questões que provoquem a reflexão a respeito das relações de poder e da maneira como as instituições interferem em nossas vidas. Dentro

---

<sup>4</sup> A utilização da internet (Web) como base de coleta dos dados se configura na convergência que a mesma estabelece para todas as plataformas midiáticas e suas características. Ou seja, peculiaridades do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo são partilhadas e utilizadas em um mesmo ambiente. Que por sua vez forma uma nova maneira de interagir com a informação e os fluxos estabelecidos por ela.

dessas instituições é possível citar: a escola, a universidade, o Estado, a família, etc.

Dessa forma, junto à compreensão gradativa dessas relações, é possível reconhecer o surgimento de outra importante instituição dentro deste contexto e um dos principais meios de difusão de ideias e tendências na atualidade. Ou seja, as plataformas midiáticas, incluindo o rádio, a Internet, a mídia impressa e, sobretudo a televisão. Conforme, Sodré (1992):

A televisão aparece, assim, como um meio (medium) organizador de identidades sociais. Procurando legitimar-se pela informação e pelo entretenimento, ela vai tentar apreender o indivíduo no interior de sua esfera privada, indicando-lhes papéis, comportamentos e atitudes que deverá assumir para atingir o reconhecimento social. (SODRÉ, 1992, p.63).

Ao considerar a televisão como um dos meios de comunicação de mais fácil acesso, possuindo junto ao rádio uma característica elementar, onde não é necessária a alfabetização para que as pessoas recebam as informações, influências e interesses transmitidos, se faz indispensável uma apreciação mais detalhada da maneira como os conteúdos são veiculados. Observa-se que no tratamento das questões envolvendo a temática de gênero ocorrem divergências pelo fato de nossa sociedade ainda apresentar-se predominantemente patriarcal e conservadora, e ao institucionalizá-las, os meios de uma forma geral, acabam por atribuir adequações próprias, características do processo produtivo. Logo, esse procedimento e as próprias mídias na sua processualidade, resultam em criações de subjetividades ou influenciam sobre as mesmas dentro da atual organização social baseada no uso das novas tecnologias.

Inicialmente através de uma abordagem sobre a mídia e as institucionalizações, e a maneira com que estas influenciam em nossas vidas é possível constatar que independentemente do público, a mídia visa apreender a atenção dos sujeitos tornando atrativos os conteúdos que contemplam interesses maiores, que geralmente vêm implícitos ou de maneira não clara em meio a conteúdos de interesse dos receptores. Os receptores<sup>5</sup>, na maioria das vezes, apresentam um comportamento passivo diante das informações que

---

<sup>5</sup> A ideia de receptores disposta neste artigo não reflete ou não busca a sua orientação principal na teoria da recepção, mesmo porque isso demandaria um aprofundamento maior, que não é objeto deste estudo. A preocupação maior se reveste nas descrições que caracterizaram as relações primárias e cotidianas dos sujeitos com os meios de comunicação instituídos e apresentados no texto.

recebem. Devido ao fato da plataforma midiática televisiva estar presente na vida das pessoas de forma constante e intensa, muitas vezes essas informações são consideradas como verdades absolutas e tendências comportamentais a serem seguidas e fomentadas. Esse comportamento passivo mostra-se predominante diante desta relação, o que facilita um maior controle das massas populacionais através daqueles que detêm o poder da informação ao voltar as ações técnico-estruturais exclusivamente para os próprios interesses.

Os conteúdos midiáticos são dotados de intencionalidades, na organização dos mesmos existe forte gerenciamento de prioridades e preferências na construção dos mais diversos assuntos. O que, de certa forma, não possibilita a formação de uma imagem/identidade própria, mas sim aquela mais convenientemente espelhada à manutenção das normas sociais vigentes prioritárias a lógica do mercado. Como afirma Sodré (1992):

O espelho estendido pela teleorganização – e no qual o indivíduo é instado a se reconhecer – difrata continuamente simulacros, prontos a exibir a tecnoestrutura como único modelo com o qual cada um pode identificar-se para bem existir socialmente, mas prontos também a esvaziar o indivíduo de seus próprios modelos, suas imagens autônomas. Para tal sistema, é preciso, portanto, “objetivar o imaginário” (expropriando-o do indivíduo ou de quaisquer zonas indeterminadas) ou “ficcionalizar o real”, fazendo com que os simulacros ganhem um princípio de realidade (que eles não sejam “sonho”, pois tudo é feito ou filmado sob a ótica do “social”) é o que precisamente realiza a tevê, ao fundir imaginário e realidade, criando um espaço próprio, simulado, “surreal”. (SODRÉ, 1992, p. 65).

Abreviando assim, o caminho entre as simples informações e a consciência sobre a veracidade das mesmas ou dos próprios fatos. O indivíduo tende a acatar ideias prontas como sendo de sua própria autoria. Como destaca Azambuja (1987, apud FINAMORE & CARVALHO, 2006), os indivíduos e os grupos sociais não são mais do que meros receptores que aceitam opiniões prontas que vêm dos meios de comunicação e, sem cogitar como essas mensagens são constituídas em outras instâncias, aderem a tais ideias como se elas fossem de fato suas próprias produções.

As estruturas sociais indicam as ações mais adequadas para cada função ou status assumido pelo indivíduo, até mesmo em seu tempo livre. Dentro de uma lógica sistêmica, no capitalismo poucos são os notáveis e a eles são conferidas maiores oportunidades para o exercício do poder, restando aos

demais à sujeição a posições de submissão ou a tentativa de alcançar a notabilidade. O que aponta para diferentes tipos de liberdade, ou seja, até mesmo o conceito de liberdade pode ser questionado como sendo uma falsa concepção.

Considerando as características preponderantes da nossa sociedade, pode-se sugerir que qualquer iniciativa de ganho de notoriedade não é de interesse geral, pois poderia provocar uma alteração na ordem das relações quebrando assim a lógica sistêmica de localização e manutenção de um dado poder. Diante de uma sociedade que apresenta, em sua maior parte, uma diferenciação na realização das atividades referentes a cargos e funções, percebe-se um equívoco quando se pensa que estes devem ser ocupados na sua predominância por homens ou por mulheres, pois o que realmente determina o sucesso são as características profissionais individuais e o empenho pessoal independente do gênero e da sua relação com a função.

Ao receber informações, as pessoas são automaticamente instigadas a se posicionar a respeito, independente da natureza ou da origem das mesmas, porém todos são suscetíveis a mudar de opinião ao se deparar com novas informações originárias do meio. Seguindo o raciocínio, Finamore & Carvalho (2006) destacam que a ideia de que as mensagens veiculadas através dos meios de comunicação não alcançam um espaço vazio, mas um meio vivo. Isso é justificado pelo fato de as pessoas terem suas vivências e capacidade de raciocínio, criando a possibilidade de relativizar o poder da informação através da mídia, transformando as mensagens e gerando diferentes sentidos para as mesmas.

Estas pessoas aproveitam-se das relações interpessoais e dos meios de comunicação para trocar ideias e informações a partir do que lhes foi passado tornando complexa a relação dos fluxos informacionais. Carvalho (1999, apud FINAMORE & CARVALHO, 2006), acrescenta que as relações cotidianas podem ser face a face e ainda através de relações virtuais (a exemplo das redes sociais) que estão em contínua expansão nos meios de comunicação de massa.

O próprio comportamento midiático sofre influências, desde a ação do mercado até a formação sócio educacional dos profissionais da área. Mesmo quem cria o conteúdo a ser veiculado, inserido no contexto social, traz consigo

características representativas do meio. Por isso a mídia também está sujeita a sofrer influência dos desempenhos socioculturais.

Coimbra (2001, apud FINAMORE & CARVALHO, 2006) destaca que no Brasil, 90% da comunicação via televisão está sob controle de nove famílias, o que praticamente caracteriza um monopólio de informações. O autor denomina como “hierarquização de temas” o controle do que pode ou não ser de conhecimento público, ou a forma que determina como isso será transmitido para a população, por uma minoria que emoldura as informações dentro daquilo que lhe convém.

Considerando que as mídias de uma maneira geral são ferramentas da modernidade que influenciam a formação de opiniões, tendências e a maneira em que a população pensa determinado assunto; cabe refletir sobre a forma como todos esses conteúdos são pensados por parte de um “produtor”. A lógica estabelecida é aquela que prima pela elaboração da programação e as informações de acordo com os interesses do público, que de certa forma é influenciado pelas tendências sociais, de gênero, religião, etnia, idade, classe social e pela realidade em que vive. Pode-se considerar assim que essa é uma relação de “troca”, objetivando o caráter complementar entre produtor e receptor. A partir dessa lógica, os conteúdos abordados nos meios de comunicação estão de certa forma, relacionados com a manutenção da realidade vigente na sociedade.

#### 4.2 Modelações para a Cultura de Massa

Visando uma melhor contextualização, serão citados alguns conceitos de cultura de massa. Orlando Fideli (2008), destaca que:

Cultura de massa em nossos dias é um conceito amplo, que abrange por muitas vezes a toda e qualquer manifestação de atividades ditas populares. Assim sendo, do carnaval ao rock, do jeans à Coca-Cola, das novelas de televisão às revistas em quadrinhos, tudo hoje, pode ser inserido no cômodo e amplo conceito de cultura de massa. (FIDELI, 2008)

Podemos também nos remeter a uma manifestação vinculada através de uma radiomensagem de Natal, no ano de 1944, pelo Papa Pio XII. Segundo o Papa, em uma visão um tanto quanto filosófica:

O povo é formado por indivíduos que se movem por princípios. Ele é ativo, agindo conscientemente de acordo com determinadas ideias fundamentais,

das quais decorrem posições definidas diante das diversas situações em que vivem. As massas são grupos de indivíduos que não se movem, mas que são movidos por paixões. A massa é sempre passiva. Ela não age racionalmente e por sua conta, mas se alimenta de entusiasmos e ideias estáveis. É sempre escrava das influências instáveis da maioria, das modas e dos caprichos...”.

Essas definições do sumo pontífice nos sugerem que as massas concordam com o maior número e defendem determinados posicionamentos sem procurar refletir sobre eles. O que propicia o distanciamento a um senso crítico em relação às informações que são assimiladas no momento. O fato de estar inserido na massa impõe que o indivíduo atribua a seu “ser/estar” uma relação direta com o outro, seja na maneira de se vestir, de comer, de optar por preferências, etc. Viver sempre como os outros, de certa forma, sustenta o significado atribuído à expressão “todo mundo”. Essa expressão, bastante utilizada em nossa linguagem informal, serve para nos referirmos a um grande número ou quase a totalidade da população que fazemos parte e nos consola, acomoda e promove a renúncia a nossa individualidade. Como destaca Orlando Fideli (2008):

Ser, pensar, agir, estar sempre, obrigatoriamente, “como os outros” é amoldar-se inexoravelmente a esse implacável “deus” chamado “todo mundo”. E renunciar à própria individualidade, trocando-a pelo amorfo e medíocre “eu coletivo” da multidão. (FIDELI, 2008)

Diante de um caso em destaque, ou diante da necessidade de um posicionamento específico, torna-se mais confortável seguir a linha de pensamento da maioria e renunciar ou oferecer certa resistência ao novo. Logo, sugere-se que a situação ideal seria o equilíbrio entre os gêneros, mas como sabemos que a diversidade de pensamentos, ideologias, crenças, etc., estão, a cada instante, mais evidentes em nossa sociedade devido ao maior fluxo de informações. Comprometer-se por uma causa própria talvez não seja a estratégia mais adequada, e sim compartilhar aquilo que se estima ser o ideal considerando as diferenças.

Vale ressaltar que a mídia e a sociedade estabelecem uma relação de troca mútua de influências, sendo que uma exerce poder sobre a outra e o resultado disso acaba determinando comportamentos e preferências de acordo com a realidade em que se vive. Nota-se que, os conteúdos abordados acompanham as gerações e suas maneiras de pensar. A exemplo disso cita-se os romances literários, as fotonovelas, as rádionovelas e as telenovelas, que

ao longo do tempo se extinguíram ou mudaram suas configurações para atender a maneira de pensar do público alvo e suas diferentes gerações.

#### 4.3 Subjetividades e questões de gênero na polarização

As pontuações anteriores dizem respeito a como a cultura de massa atua na construção de nossas ideias de gênero e de que modo as diferentes gerações reagirão à exposição a esses fatores. Em seguida, estima-se explorar a produção de subjetividades através da mídia na vida dos adolescentes e de que maneira as diferentes plataformas midiáticas podem influenciar também na cultura e na educação destes.

A partir disso, será tomado como referência para a discussão o artigo – “O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar”, de Maria Celeste Mira. Nele a autora começa explanando que os meios populares como a televisão são conservadores a respeito das questões de gênero.

Percebe-se que a característica do conservadorismo de que a autora trata, pode ser encontrada diariamente no processo de agendamento desenvolvido na televisão aberta, ou até mesmo nos canais fechados, como por exemplo, nas propagandas e programas que são destinados apenas ao público feminino ou apenas ao masculino, sendo que a heterossexualidade predomina também nas novelas, nos filmes e seriados, reforçando assim a ideia do masculino e do feminino como uma dualidade que prevalece socialmente levando à necessidade (obrigatoriedade) de escolha.

Mais recentemente a discussão acerca das diferenças sexuais ganhou notoriedade a partir do momento em que as opções sexuais passaram a ser expostas ao público (passeatas, movimentos e eventos de repercussão mundial). Antes disso, as manifestações eram restritas a locais específicos e com forte apelo discriminativo, reforçando ainda mais as dificuldades de inclusão das diferenças de gênero. Neste contexto, o sistema midiático colabora para a reconfiguração de novas diferenciações simbólicas no âmbito social.

Para Sodré (1992) o jogo das diferenças de gênero é dado no espelhamento e nos reflexos daquilo que passa a representar ou atribuir sentido, ou seja:

A intensificação da libido homossexual está em homologia com a força homogeneizante da cultura pós-industrial. Esse “homossexualismo” é a condição estrutural do abandono das diferenças simbólicas, socialmente compensado por uma constante preocupação dos mass-media para com as diferenças ou minorias étnicas. Cada um é estimulado a amar, narcisicamente, a si próprio, sua semelhança, sua imagem no espelho – o simulacro de indivíduo que a tecno-organização social elabora para conformá-lo às exigências do sistema contemporâneo de valor. Trata-se mesmo de uma autogestão psíquica de tipo narcísico. O indivíduo tende a ser a própria Organização, na medida em que esta serve de ideal do eu (objeto privilegiado do amor), para o sujeito poder se reconhecer socialmente. (SODRÉ, 1992, p. 71).

Nos atuais conteúdos veiculados na plataforma televisiva, pode-se perceber uma abordagem mais frequente e diferenciada do que em períodos passados de temas como a homossexualidade, estando cada vez mais comum o trato com esse assunto. A dúvida que fica é se a maneira que determinados assuntos são abordados é favorável no sentido de contribuir para uma evolução no pensamento da sociedade em relação à homossexualidade. Podem servir também de exemplos para as questões de gênero, alguns personagens criados por autores de telenovelas brasileiras, como, “a Maria João”<sup>6</sup>, “a Mamusca”<sup>7</sup>, “o Pereirão”<sup>8</sup> “o Coronel Jesuíno”<sup>9</sup>, entre outros. Todos eles de certa forma, podem incentivar o pensamento conservador, de que determinados comportamentos são exclusivos dos homens ou das mulheres, em contrapartida as manifestações de diferentes gerações a respeito disso pode ampliar o nível de compreensão e servir de elemento para auxiliar na superação das questões de discriminação e preconceito.

Embora exista uma nova reconfiguração por parte da mídia em relação ao tratamento estabelecido para os gêneros como citado anteriormente, a

---

<sup>6</sup> Personagem interpretada pela atriz Viviane Pasmanter, na novela Uga Uga exibida pela Rede Globo (2000-2001).

<sup>7</sup> Personagem interpretada pela atriz Rosi Campos, na novela Da Cor do Pecado exibida pela Rede Globo (2004).

<sup>8</sup> Personagem interpretada pela atriz Lilia Cabral, na novela Fina Estampa exibida pela Rede Globo (2011-2012).

<sup>9</sup> Personagem interpretado na primeira edição da produção pelo ator Francisco Dantas e na segunda edição pelo ator José Wilker, na novela Gabriela exibida pela Rede Globo (1ª edição 1975 – 2ª edição 2012).

diminuição de complexidades é uma lógica produtiva muito forte e é mantida como uma questão prioritária no aspecto gerencial de mercado e de atenuantes sociais.

Neste ponto, Sodré (1992) salienta que:

O homossexualismo da estrutura tecnocrática define-se como uma tendência ao anulamento da diferença, não com o objetivo de uma hipotética “comunhão simbólica”, mas de pura captação especular das consciências individuais, para efeitos de mercado e boa gestão do espaço social. O eu ideal dos mass-media, por exemplo, não se presta à possibilidade de contestação por parte de outros modelos e se mantém através de grandes cargas de libido homossexual. (SODRÉ, 1992, p.72).

Também para Mira (2003) os diferentes gêneros (tipos de programas, leituras, filmes etc.) dentro das mídias podem influenciar nas identidades femininas e masculinas, como é o caso do romance na construção das identidades femininas no decorrer da história, e do gênero pornô nas identidades masculinas. Cabe destacar que ambos encontram-se ou foram estruturados na expectativa de se relacionar com o seu público alvo e abreviar complexidades relacionadas com as opções sexuais.

A influência na formação das identidades sugere novos comportamentos, ou comportamentos que ainda não estão configurados de acordo com as normas sociais de determinado período histórico. Como exemplo a mesma autora cita a inserção da literatura, mais especificamente do gênero romance, no final do século XVIII, quando as mulheres começaram a ler e ampliar suas possibilidades de vivências tanto sexuais quanto sociais. Tais comportamentos podem ser considerados como desvirtuados/desvirtuantes ao contexto social correspondente. Ou até mesmo como um ponto referencial de transformação social.

A autora cita também, “que o romance era direcionado mais ao público feminino, e em contrapartida, os conteúdos pornográficos (revistas, filmes, etc.) eram direcionados ao público masculino, trazendo consigo características como violência, aventura, etc.”. O que influencia na construção das masculinidades, não apenas pelo modo em que homem e a mulher são abordados no gênero pornô, mas também de que maneira as manifestações sociais surgem a partir da possível apropriação deste conteúdo.

A polarização dos gêneros (masculino e feminino) foi aos poucos cedendo espaço para uma nova identificação com base simbólica, apoiada em aspectos políticos, sociais e culturais.

Castells (2001) reforça o argumento ao salientar que:

(...) embora a liberação sexual esteja no âmago dos movimentos gay e lésbico, *os dois tipos de homossexualismo, masculino ou feminino, não podem ser definidos como preferências sexuais. São, fundamentalmente, opções por identidades* e duas identidades distintas: lésbicas e homens gays. Essas identidades, como tal, não são inatas; elas não se originam de algum tipo de determinação biológica. Embora predisposições biológicas realmente existam, o desejo homossexual costuma-se misturar-se a outros impulsos e sentimentos de modo que o comportamento real, as fronteiras da interação social e a auto-identidade são cultural, social e politicamente construídas. (CASTELLS, 2001, p. 241).

A adolescência surge neste contexto como uma das fases mais importantes na formação das identidades. Por envolver um momento importante de descoberta da sexualidade e a ocorrência de um aumento significativo das relações socioculturais, serão abordados alguns fragmentos da Tese de Doutorado intitulada: “Adolescência em discurso – Mídia e Produção de Subjetividade”, de Rosa Maria Bueno Fischer.

Na adolescência é comum a ocorrência de movimentos como a formação de grupos de jovens que compartilham maneiras de pensar, agir e ser na sociedade. Como trata Rosa Fischer (1996):

esses grupos participam de uma espécie de maratona confessional, através da qual se estampa uma adolescência que se vê impulsionada a expor sua intimidade, inquietude e perdição, num tempo vazio de sonhos em que parece tornar-se impossível ser único e especial, diante da globalização das aspirações. (FISCHER, 1996)

As plataformas midiáticas, através do fluxo informacional, possibilitam e acabam promovendo os comportamentos anteriormente citados, que se assemelham em proporções globais. O que indica que as informações referentes a gênero podem ultrapassar as fronteiras geográficas regionais, que na maioria das vezes apresentam características identitárias. Dessa maneira, o conteúdo midiático exerce um papel fundamental ao se considerar as questões de gênero.

Fischer (1996) trata a questão da sexualidade fazendo um resgate histórico, mais especificamente ao século XIX e a existência de dois pólos do “bio-poder” que apontam para uma grande preocupação com o sexo, fazendo menção a questões como a vitalidade e a maximização da vida.

Entre as relações descritas entre a atribuição de uma conceituação para a noção de gênero com a maneira de se pensar o seu significado atualmente, torna-se relevante o trato e os esquadrinhamentos gerados para a organização das questões de opressão que a sociedade exerce tanto para homens quanto para mulheres. Trazendo certas “exigências”, como padrões comportamentais, que sirvam para contemplar a lógica mencionada ou as normas vigentes em nossa sociedade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o referencial bibliográfico utilizado e as considerações realizadas no decorrer do artigo, percebe-se a importância de se levar em conta os diferentes enfoques a respeito da temática gênero para evitar o direcionamento ou tornar a interpretação tendenciosa. A grande maioria dos estudos de gênero disponíveis para leitura e apreciação, tratam com prioridade o gênero feminino. É possível compreender a motivação de tal fato, tendo vista a sociedade patriarcal atual e a opressão histórica às mulheres. Na tentativa de modificar essa realidade os estudiosos (as) da área, tendem a explorar principalmente o lado que está desfavorecido. Porém, é necessário estabelecer um contraponto avaliando também o gênero masculino e as cobranças e exigências a que são submetidos, muitas vezes, isso serve como justificativa para que as situações de opressão tanto para homens quanto para mulheres, permaneçam as mesmas ou se reforcem.

Relacionando a mídia com a temática de gênero, cabe destacar que a humanidade está vivendo um período histórico diferenciado dos anteriores. Este período é caracterizado, principalmente, pela intensa e constante presença das plataformas midiáticas que nos oferecem uma ampliação no horizonte de ações e pensamentos (relação cotidiana com as novas tecnologias). Até mesmo ao realizar uma pesquisa como esta se pode contar com recursos tecnológicos disponíveis atualmente e ser favorecido pelo aumento do fluxo informacional no meio acadêmico através da plataforma *Internet*.

Portanto, considera-se, no mínimo insensata, a negação a grande gama de novos caminhos indicados pelas novas tecnologias e suas utilizações.

As mídias em processo cumprem seu papel no âmbito de saciar nossos anseios nas exigências estabelecidas na abrangência da era informacional vivida, não sendo diferente na superação dos preconceitos e limitações ofertadas historicamente na maneira de se pensar gênero. Como se sabe, para o benefício do viver em sociedade, é necessário o estabelecimento da autonomia de pensamentos e ações e não o contrário como o de abreviar complexidades.

Nos meios convencionais há uma diversidade de interesses que norteiam todo e qualquer conteúdo a ser veiculado, sejam eles de natureza econômica, política, religiosa, etc., e são na maioria dos casos direcionados a determinados públicos. Essas características dificultam a contemplação do que é entendido por “liberdade de expressão”, pois muitas vezes, não é de interesse de quem exerce o poder que aqueles que estão submissos a ele tenham o conhecimento necessário para o questionamento dos conteúdos.

A diversificação dos pensamentos e comportamentos dentro da sociedade evidencia que estruturas sociais opressivas e normativas podem ser desconstruídas, terem seus valores questionados ou até mesmo invalidados. Diante de uma nova realidade, onde a pluralidade e a versatilidade nas funções cotidianas trazem indicativos de maior eficiência para o viver em sociedade, a preocupação de como melhor utilizar os recursos disponíveis apropriando-nos de novos conhecimentos e ampliando nossos horizontes intelectuais deveria ser prioritária. Desta maneira, ao tratar de assuntos diversos, assim como o de gênero, com mais zelo e com certos atributos de imunidade, faz-se necessário observar as institucionalizações produzidas e suas intencionalidades.

Dentro deste contexto, iniciativas no meio acadêmico e de cunho puramente educacional podem ser alternativas que possibilitem uma melhor propagação de ideias livres para a interação de diferentes propósitos, deixando de lado questões de preconceito, de maneira a alcançar um resultado que se aproxime da contemplação dos diferentes anseios. Isto por não dependerem exclusivamente dos interesses anteriormente citados e servirem como um espaço de aprendizagem com características semelhantes aos meios de grande alcance. Quando estrategicamente pensados e articulados, esses meios nos oferecem a possibilidade de causar, mesmo em menor escala,

resultados desejáveis e com capacidade de conscientização coletiva à sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, M. S. A.. **A Máquina de Narciso**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Ed: Paz e Terra, 2001.
- FICHER, R. M. B.. **Adolescência em Discurso: Mídia e Produção de Subjetividade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, 1995.
- FEDELI, Orlando. **Cultura Popular e Cultura de Elite, cultura de massa**. São Paulo: Associação Cultural Montfort, 2008. p. 1.
- FINAMORE, Cláudia; CARVALHO, João Eduardo. **Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso**. 2006.
- MIRA, M. C.. **O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas-SP, v. 21, p. 13-38, 2003.